

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
ELISE AKEMI GROSSKLAUS

FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: A RELAÇÃO ENTRE A
ARQUITETURA DOS CENTROS COMERCIAIS E DE LAZER DE SÃO PAULO E
SEUS USUÁRIOS

CASCABEL
2018

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG

ELISE AKEMI GROSSKLAUS

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: A RELAÇÃO ENTRE A
ARQUITETURA DOS CENTROS COMERCIAIS E DE LAZER DE SÃO PAULO E
SEUS USUÁRIOS**

Trabalho de Conclusão do Curso de
Arquitetura e Urbanismo, da FAG,
apresentado na modalidade Teórico-
conceitual, como requisito parcial para a
aprovação na disciplina: Trabalho de Curso:
Qualificação.

Professor Orientador: Sirlei Maria Oldoni

CASCADEL

2018

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
ELISE AKEMI GROSSKLAUS

FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: A RELAÇÃO ENTRE A
ARQUITETURA DOS CENTROS COMERCIAIS E DE LAZER DE SÃO PAULO E
SEUS USUÁRIOS

Trabalho apresentado no Curso de Arquitetura e Urbanismo, do Centro Universitário Assis Gurgacz, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sob a orientação da Professora Arq^a M^a Sirlei Maria Oldoni.

BANCA EXAMINADORA

Professora Orientadora
Centro Universitário Assis Gurgacz
Prof^a Arq^a Msc Sirlei Maria Oldoni

Professora Avaliadora
Centro Universitário Assis Gurgacz
Professora Arq^a Esp^a Tainã Lopes Simoni

Cascavel/PR, 29 de maio de 2018

RESUMO

O presente trabalho trata a respeito da influência dos conteúdos e significados presentes na arquitetura dos centros comerciais e de lazer. Considerando que a arquitetura não cumpre apenas um papel de edificação, contendo em si também, a capacidade de transmitir mensagens e ideias, servindo desse modo como instrumento de comunicação, sendo ela também, capaz de provocar os sentidos e proporcionar experiências sensoriais por meio do corpo e acrescentando ainda, a relevância do conteúdo social e cultural também presentes em um objeto arquitetônico, a pesquisa, volta-se para o contexto atual da arquitetura, focada nos centros comerciais e de lazer da cidade de São Paulo, mas especificamente, os shoppings, com o fim de compreender de que forma a arquitetura desses centros comerciais influenciam a sociedade e principalmente os consumidores deste espaço. Para a análise dos shoppings a serem selecionados, foram então subdivididos alguns parâmetros, com o objetivo de observar tantos aspectos de caracteres físicos como psicológicos.

Palavras chave: Arquitetura Contemporânea. Centros Comerciais e de Lazer. Shopping. Fenomenologia. Comunicação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DIRECIONADAS AO TEMA DA PESQUISA	9
1.1 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS NOS FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS	9
1.2 LINGUAGEM E SEMIÓTICA NA ARQUITETURA.....	10
1.3 PERCEPÇÃO E FENOMENOLOGIA	13
1.4 ARQUITETURA E SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....	16
1.5 ARQUITETURA DOS CENTROS COMERCIAIS DE LAZER.....	18
1.6 SÍNTESE DO CAPÍTULO.....	20
2 ABORDAGEM DOS PARÂMETROS.....	22
2.1 ASPECTOS	22
2.1.1 Aspectos funcionais.....	23
2.1.2 Parâmetros fisiopsicológicos	24
2.1.3 Parâmetros socioculturais	26
2.1.4 Parâmetros bioclimáticos.....	27
2.1.5 Parâmetros construtivos.....	29
2.1.6 Síntese do capítulo.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	32

INTRODUÇÃO

O presente estudo encontra-se vinculado ao trabalho de conclusão de curso de Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz e tem como título “Fundamentos Arquitetônicos: A relação entre a arquitetura dos centros comerciais e de lazer de São Paulo e seus usuários.” Insere-se na linha de pesquisa “AU - Arquitetura e Urbanismo”, e no grupo de pesquisa “Teoria da arquitetura”, abordando temáticas como a linguística na arquitetura e a fenomenologia.

Este trabalho visa acrescentar para o âmbito acadêmico, material voltado para a arquitetura teórica, aprofundando sobre temas interdisciplinares como a sociologia, psicologia, antropologia, arquitetura entre outros, proporcionando a possibilidade de discussões e interações, com o fim de incentivar acadêmicos na área de pesquisa. No contexto social e cultural, o estudo contribui para a compreensão do cenário da sociedade contemporânea, conscientizando sobre a influência da arquitetura para seus usuários.

Profissionalmente, possui o objetivo de incentivar arquitetos em aprofundar-se quanto a teoria da arquitetura, expondo sua relevância para com a produção de projetos de qualidade, projetos que apresentem para a sociedade não apenas obras com caráter estético, mas ambientes que se preocupem com o bem-estar de seus usuários.

O problema gerador da pesquisa foi assim definido: Qual a linguagem dos centros comerciais e de lazer da cidade de São Paulo e sua relação com a sociedade contemporânea? Inicialmente, tem-se como hipótese, as análises já elaboradas em obras arquitetônicas históricas, sendo possível visualizar um contexto social e político que caminham juntamente com o período em observação, um exemplo disso são as catedrais góticas, que apresentam um contexto religioso e forte influência do clero na vida social e política, sendo um símbolo de expressão deste poder, a monumentalidade das catedrais, que segundo Zevi (1996, p. 92), “produzem no observador não uma calma contemplação, mas um estado de espírito de desequilíbrio, de afetos e solicitações contraditórios, de luta.” Apesar de vivenciarmos outra realidade cultural, social e política, as arquiteturas dos centros comerciais também são dotadas de conteúdos significantes, que segundo Cortes (2008), o que se pretende é criar a sensação de que se pode viver em uma espécie de sonho no qual todo mundo pode consumir, brincar e se divertir sem perigo algum, esquecido dos conflitos sociais, culturais ou étnicos.

Considerando isto, o objetivo geral desta pesquisa orienta-se em analisar a linguagem dos centros comerciais e de lazer da cidade de São Paulo e sua relação com a sociedade contemporânea. A partir deste contexto, os objetivos específicos fragmentaram-se nos seguintes pontos: (a) definir linguagem na arquitetura; (b) definir semiótica; (c) definir fenomenologia; (d) apresentar o contexto das edificações comerciais e de lazer; (e) apresentar a sociedade contemporânea enfatizando o cenário brasileiro; (f) apresentar e definir centros comerciais e de lazer; (g) Apontar as abordagens e parâmetros da arquitetura contemporânea, (h) apresentar obras através do estudo de caso e (i) realizar análise da relação da linguagem com a sociedade contemporânea.

Tendo como norte para esta pesquisa, o seguinte marco teórico:

[...] as formas construtivas nunca são arbitrárias, e ainda menos inocentes. Os conteúdos e significantes de um lugar são constantemente construídos e reconstruídos por meio da ação da vida diária, e as formas urbanas são um “espelho” social que ajuda a construir e transformar a realidade. Cada projeto constrói significado; não existem zonas autônomas ou neutras, e um exemplo bem claro disso, que nas últimas décadas está adquirindo um papel essencial no desenvolvimento das cidades, são esses enormes espaços teatrais, essas montagens cênicas onde se apresenta o consumo e que podemos encontrar em qualquer parte do mundo[...] Poderíamos até mesmo afirmar que o shopping é o mais popular e bem-sucedido edifício construído na segunda metade do século XX, o protótipo de edifício dessa época que simboliza a subjetividade, a representação e a prática do espaço (CORTÉS, 2008, p.89).

Esta pesquisa possui uma abordagem voltada para as práticas sociais possuindo assim dados de caráter qualitativo, pois segundo Minayo (2001, p. 22) “a pesquisa qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”.

Os dados serão obtidos a partir de fontes bibliográficas, ou seja, de materiais já elaborados, constituído principalmente de livros, que segundo Gil (1989, p. 44) sua principal vantagem reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Utilizando-se do método de abordagem dialético, que considera o mundo e a qualidade dos objetos como um complexo de coisas ainda não acabadas, ou seja, ideias que sempre passam por mudanças ininterruptas, onde sempre há transformações e desenvolvimento (MARCONI E LAKATOS 2003).

Para melhor aplicação e visualização do estudo bibliográfico será utilizado como complemento de pesquisa, o estudo de caso, que “são úteis também na exploração de novos

processos ou comportamentos, novas descobertas, porque tem a importante função de gerar hipóteses e construir teorias.” (VENTURA, 2007, p. 386)

Portanto, a pesquisa está estruturada com os seguintes capítulos: no primeiro capítulo, apresenta as revisões bibliográficas direcionadas para o tema da pesquisa, que fornecerão o embasamento para discorrer e afirmar sobre as características a serem desenvolvidas nesta pesquisa, enquadrando a arquitetura no período contemporâneo, e utilizando-se de ferramentas que auxiliam na compreensão da arquitetura, como a semiótica e a fenomenologia, além de contextualiza-lo com a história, a teoria, o urbanismo e as tecnologias da arquitetura. No capítulo seguinte, serão abordados os parâmetros da arquitetura, com o fim de aprofundar os conhecimentos, subdividindo-os em: aspectos funcionais, parâmetros fisiopsicológicos, parâmetros socioculturais, parâmetros bioclimáticos e parâmetros construtivos.

1 FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DIRECIONADAS AO TEMA DA PESQUISA

Este capítulo, desenvolve a relação do tema da presente pesquisa, com os fundamentos arquitetônicos propostos no curso de arquitetura e urbanismo, agregando e abrangendo sobre os quatro pilares da arquitetura: o estudo de histórias e teorias; metodologias de projetos; urbanismo e planejamento e tecnologias da construção. Reúne também, a fundamentação sobre o assunto da pesquisa, apresentando a associação da arquitetura com outros ramos do conhecimento, como a linguística, direcionando para semiótica, que apresenta as linguagens não verbais, a fenomenologia, cujo interesse está nas qualidades sensoriais, explanando também sobre a condição e os comportamentos da sociedade contemporânea.

1.1 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS NOS FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS

A arquitetura surgiu em virtude da necessidade da permanência em lugares estabelecidos, necessário para a prática da agricultura, ali os povos antigos estabeleceram suas primeiras cidades, construíram suas casas, santuários, templos e palácios. As técnicas de construção das estruturas primitivas eram simples, elaboradas com tijolos secos ao sol, com pouca utilização de madeira e pedra, que posteriormente foram utilizados pelos gregos e pelos romanos (GLANCEY, 2001). Através de suas técnicas construtivas, aplicadas em cúpulas e abóbodas, os romanos conseguiram criar amplos espaços, sem apoios intermediários (GYMPEL, 2001).

Com a queda do império romano, surgiram então os grandes mosteiros e as catedrais góticas, originado mais tarde, a expressão do gótico nos castelos e edifícios cívicos. Posterior ao grande período de expressão clássica na arquitetura, a segunda metade do século XIX é marcada por novos desenvolvimentos (GLANCEY, 2001), e de acordo com Gypmel (2001, p. 72) “As pessoas encontravam-se divididas entre a euforia do progresso e a transfiguração romântica do passado”. As estruturas de ferro, o concreto armado, o elevador elétrico, as

novas possibilidades de revestimentos, trocavam as aparências dos edifícios históricos para uma nova roupagem: a era da máquina (GLANCEY, 2001, p. 158).

De acordo com Colin (2000, p. 38), com o ferro e o concreto, a arquitetura ganha liberdade, e a partir das “novas técnicas de produção de vidro e o desenvolvimento da indústria petroquímica” as cidades começam a se transformar, possuindo obras que expressavam leveza e transparência. “Em vez de igrejas, catedrais e palácios, os edifícios que agora tinham mais importância eram os prédios de escritórios, lojas de departamentos e, acima de tudo, as fábricas (GLANCEY, 2001, p. 158).

Segundo Serapião (2004, p. 14), com a Revolução Industrial, as novas técnicas e novos materiais (vidro plano e a luz elétrica), sofisticaram também o comércio, contribuindo desse modo para novas criações da “vitrine” intensificando assim o desejo do consumo da “crescente burguesia e da posterior sociedade de classes”.

Cortés (2008), afirma que esses centros comerciais atingiram essa abrangência nas últimas décadas devido a dois inventos tecnológicos, capazes de transformar profundamente os espaços, sendo eles: o ar-condicionado e a escada rolante, onde são harmonizados com os detalhes arquitetônicos, criando um ambiente totalmente artificial que tendem a imitar o espaço público, bancos, plantas e árvores, criando a ilusão de ambiente natural. Essa nova cultura do centro comercial é produto do desenvolvimento suburbano, tanto na extensão das rodovias como o da nova configuração espacial das cidades, afetando assim a morfologia das mesmas, transferindo a convivência que nela se produzia, nas ruas e praças para lugares privados.

1.2 LINGUAGEM E SEMIÓTICA NA ARQUITETURA

A linguagem deve ser entendida não apenas como um sistema de sinalização estudada pela teoria da linguística, porém, deve ser entendida, como origem de comportamentos e pensamentos do homem, que por meio desse estudo, é formulado assim um padrão que descreve esse sistema, e através dele, os atos, vontades, emoções, sentimentos e propósitos do homem são informados, apresentando-se assim um dos fundamentos das sociedades humanas (COELHO NETO, 2001 p. 15). “A linguagem é sempre utilizada para se fazer algo, em um

sentido amplo, para nos comunicarmos com outros indivíduos que também compreendem e usam a linguagem” (DANILO, 2010, p. 10). A comunicação propicia a troca de elementos e comportamentos e estabelece uma relação entre a transmissão e respostas de estímulos (PIGNATARI, 2002, p. 20).

Segundo Colin (2000), qualquer pesquisa no campo da linguística propicia a constatação de que a arquitetura é uma linguagem, e que através de seus elementos físicos a arquitetura possui a capacidade de transmitir mensagens e ideias que perpassam os ajustes formais, servindo assim como instrumentos de comunicação. Toda mensagem tem um objetivo, seja ele para transmitir um conteúdo intelectual, ou apenas para provocar ou inibir desejos e emoções, para atrair ou distanciar pessoas e contatos, possuindo em si, muitas funções e significados (LOPES, 2007, p. 56).

De acordo com Ghirardo (2002, p. 31), após a Segunda Guerra Mundial, pesquisas se voltaram para os problemas da linguagem, em disciplinas da antropologia, da filosofia e da crítica literária, considerando temas que analisavam estruturas científicas, históricas e filosóficas. A partir da década de 60 movimentos como o pós-estruturalismo e a desconstrução, que se originaram principalmente nos textos do antropólogo e estruturalista Claude Lévi-Strauss e posteriormente nos de Michael Foucault e Jacques Derrida, influenciaram o discurso arquitetônico principalmente na Europa e Estados Unidos, que posteriormente dissipou-se e influenciou outras regiões do mundo.

Na arquitetura, a abordagem linguística, apresenta-se com a proposta de reestruturação dos códigos apresentada pelo modernismo, que ocasionou “uma crise de comunicabilidade, ocasionando seu término por volta dos anos 60, tendo como um marco dessa abordagem, a crítica literária de Robert Venturi (COLIN, 2000, p. 113). A arquitetura pós-moderna, alinhada com o pensamento estruturalista francês, considerava o discurso arquitetônico como prioridade, diferentemente dos arquitetos modernistas, que se preocupavam apenas com questões técnicas e formais, com esse pensamento os arquitetos pós-modernistas retomaram o uso de ornamentos em confrontação ao passado, assumindo características irônicas e com certo humor (COLIN, 2004, p. 57).

Mais tarde, o desconstrutivismo ganha espaço no mundo da arquitetura, mantendo ainda um discurso crítico, porém com um enfoque em uma redefinição do papel da arquitetura no mundo atual, uma arquitetura que representasse o mundo em que vivemos, obtendo assim

características descontinuas, desordenada e desequilibrada, ou seja, uma arquitetura sem fingimento, rejeitando a perfeição e a ordem de um mundo que não existe, a arquitetura desconstrutivista busca então uma nova atitude, obras que tenham um novo significado e que transmitam a mensagem de inquietação e busca (COLIN, 2004).

Puls (2006, p.21) afirma que a linguagem arquitetônica se diferencia da linguagem verbal que se expressa por meio de palavras, enquanto a arquitetura se apresenta através de objetos. O termo mais apropriado para o estudo das linguagens não verbais é, semiótica ou semiologia, enquanto a linguística tem por conteúdo, as linguagens verbais (COLIN, 2000, p. 113).

Segundo Agrest (2010, p. 129), a semiótica é definida como: “a ciência dos diferentes sistemas de signos linguísticos”. Seu estudo iniciou com John Locke¹, um dos primeiros filósofos a escrever um tratado específico, datado em 1764, intitulado *Semiotik* (NOTH, 1995, p. 18). Com o intuito de superar o recuso da linguagem difundida pela tradição moderna, encontramos na passagem do século XIX para o século XX, diversas correntes filosóficas preocupadas com a questão do significado, originando assim, diversas doutrinas e desdobramentos, como a semiótica de Pierce, a hermenêutica, o estruturalismo, entre outros (MARCONDES, 2000).

A semiótica estuda a natureza dos signos e as regras que governam seu comportamento no interior de um sistema,” dentro deste sistema o significado é realizado pela conexão entre o significante e o significado. “Entende-se por *significante* a parte material do signo e por *significado* o conceito veiculado por essa parte material, seu conteúdo, a linguagem mental por ela fornecida. Deve-se observar que não há signo sem significante e significado.” É então através dessa ciência que se estabelece a comunicação entre os sistemas simbólicos e os homens (COELHO NETTO, 2001, p. 20). Os efeitos, o uso e a função dos signos na transmissão de uma mensagem, tanto como, as pessoas envolvidas, são examinadas pela teoria de comunicação² (AGREST; GANDELSONAS, 2010).

¹“Nasceu em 1632 no seio de uma família burguesa da cidade de Bristol. Seu pai, um comerciante puritano, combateu na guerra civil nas fileiras do exército do Parlamento. Em 1652 Locke foi estudar em Oxford, formando-se em medicina e tornando-se posteriormente professor daquela Universidade. (...) considerado o fundador do empirismo, doutrina segundo a qual todo o conhecimento deriva da experiência. Como filósofo é conhecido pela teoria da tabula rasa do conhecimento”. (ALMEIDA MELLO, 2011, p. 82)

² “Comunicação significa partilha de elementos ou modos de vida e comportamento, por virtude da existência de um conjunto de normas”, sendo uma conexão estabelecida por um emissor e um receptor, que transmitem estímulos que conseqüentemente geram respostas (PIGNATARI, 2002, p. 20).

Segundo Beccega (1998), o pós-modernismo trouxe uma nova realidade, caracterizada pela fragmentação e a construção de novas tendências, colocando a questão da comunicação, enquanto objeto científico em debate, exigindo novas posturas metodológicas, diante da complexidade apresentada. Neste contexto da sociedade do consumo, questões referentes ao signo adquirem relevância, tendo enfoque nas relações da comunicação de massas na sociedade pós-industrial, centralizando as investigações e os meios de comunicações para as práticas culturais e sociais. Ball-rokeach e Defleur (1993), indicam que a era da comunicação de Massa teve início com a invenção do filme, do rádio e da televisão, e esses sistemas influenciaram profundamente as atividades cotidianas das pessoas. Beccega (1992) acrescenta ainda, que os meios de comunicação ampliaram o poder do discurso, que podem promover silêncios, quanto dar voz.

Colin (2000), apresenta essa relação entre a semiótica e a arquitetura com os meios de comunicação de massa, ambas são dirigidas a um público diversificado e incalculável, trazendo assim uma contradição para a linguagem da arquitetura, que por sua abrangência, torna-se uma arte de massas, porém pelo refinamento de suas manifestações e por suas qualidades, apresenta-se também como grande arte.

Pignatari (2004), afirma que o código arquitetônico é hegemônico, principalmente se é entendido como mensagem de massa, a mensagem arquitetônica é apresentada a receptores cujo código principal não é o arquitetônico e para que a mensagem seja absorvida, faz-se necessário a decodificação do código arquitetônico. Desse modo, a fruição do significado da arquitetura vai depender do confronto entre o repertório do emissor, presente na mensagem, e o repertório do receptor.

1.3 PERCEPÇÃO E FENOMENOLOGIA

O conceito de fenomenologia teve início com as investigações lógicas do teórico Edmund Husserl³ no início do século XX, mais tarde surge outros nomes, como Martin

³ Nasceu 8 de abril de 1859, na cidade de Prossnitz, Morávia. Depois de estudar nas universidades de Leipzig, Berlin e Viena, iniciou sua carreira como professor na Universidade de Berlin, passando por diversas outras. No

Heidegger⁴ na Alemanha, Emmanuel Lévinas⁵, Jean-Paul Sartre⁶, Maurice Merleau-Ponty⁷ e Paul Ricoeur⁸ na França, entre outros. A fenomenologia influenciou também outros movimentos filosóficos e culturais, como a hermenêutica, estruturalismo e desconstrutivismo, tendo grande repercussão durante todo o século XX (SOKOLOWSKI, 2004).

A palavra fenomenologia, etimologicamente significa, ciência dos fenômenos e seguindo o sentido elaborado por Husserl, fenômeno é “tudo que intencionalmente está presente à consciência, sendo para esta uma significação”. A fenomenologia de Husserl, analisa como base a manifestação da realidade do conteúdo do ato de pensar, estudando essências e não fatos, sendo necessário abandonar preconceitos e elevar-se em relação a mera experiência prática, pois estuda não apenas o ser, e tampouco apenas a representação do ser, porém, o ser como se apresenta no próprio fenômeno, ou seja, tudo que está presente na consciência, sendo assim, fenomenologia é, ciência de experiência, que descreve o conteúdo sentido pela consciência quando se lhe expõe os fenômenos (HUSSERL, 2008).

Para o filósofo Max Scheler⁹, a fenomenologia não possui enfoque em transmitir conteúdos, porém levar o ouvinte ou o observador a vivenciar e contemplar algo diretamente, dessa forma o conteúdo é pessoal, ou seja, não é em si transmissível, podendo ser compartilhado apenas as coordenadas que fornecerão a mesma experiência (COSTA, 1996).

curso dessas atividades docentes, escreveu diversas obras. O método metodológico fundado por ele, influenciou parte da filosofia do século XX, influenciando também outras áreas das ciências humanas. (HUSSERL, 1988)

⁴ Nasceu em Messkirch em 26 de setembro de 1889, frequentou a escola primária em sua terra. Estudou em Freiburg até o exame de doutorado, onde assistiu nos primeiros semestres aulas de teologia e filosofia. (STEIN, 2011) “Discipulo, colega e mais tarde rival de Husserl, foi outra das grandes figuras na fenomenologia Alemã.” (SOKOLOWSKI, 2004, p. 11)

⁵ “Nasceu em 906, na Lituânia, e morreu em Paris, em 1955 (...) a maior parte de seus familiares foi assassinada pelos nazistas (...) depois de viver a Revolução Russa de 1917, como criança de 11 anos de idade na Ucrânia, o jovem Lévinas foi para a França, em 1923, para estudar filosofia em Estrasburgo. Já no fim de seus estudos, ele descobriu a obra de Edmund Husserl.” (HADDOCK-LOBO, 2006, p. 13)

⁶ Nascido em Paris (1905-1980), filósofo, romancista, dramaturgo, ensaísta, jornalista e militante político. (SARTRE, 1982)

⁷ Nasceu em Rocherfort-Sur-Mer em 1908, foi na Escola Normal Superior que obteve o conhecimento da filosofia de Husserl e do existencialismo, graduando-se em filosofia em 1931. Obteve o grau de doutor em 1945, com a tese *Fenomenologia da percepção* (MERLEAU-PONT, 2002).

⁸ Nasceu em Valença, sudoeste da França, em 27 de fevereiro de 1913 (...). Órfão de pai e mãe, foi criado pelos avós dentro da tradição calvinista. Durante seus estudos secundários na Faculté des Lettres de Rennes, desenvolveu um profundo interesse por filosofia. Por conta desse interesse que vai para a Universidade de Sorbonne estudar metafísica, graduando-se em 1935” (FRANCO, p.27, 1995)

⁹ Nasceu em 1874, no sul da Alemanha, estudo medicina, filosofia e sociologia nas universidades de Munique e Berlin, aos 15 anos de idade, se converteu ao catolicismo, influenciado fortemente pelo conceito do amor cristão. “A questão filosófica de sua vida era: o que é o homem? E, desse modo, abordando os aspectos concretos da vivência humana, com o método fenomenológico, confrontou a problema das lideranças religiosas” (MIGUEL, P.10, 2016).

A fenomenologia Husserliana, embasou trabalhos posteriores, como as obras de Martin Heidegger e Gaston Bachelard, que fundamentaram a reflexão fenomenológica sobre a arquitetura, que apesar de não ter sido valorizado em um período pós-moderno em que a preocupação estava direcionada para as contribuições da tecnologia, “começou a tomar lugar do formalismo e a preparar o terreno para o surgimento da estética contemporânea do sublime” (NESBITT, 2010). “Uma consideração fenomenológica da nossa relação com o objeto arquitetônico diz-nos, antes de mais nada, que comumente fruímos a Arquitetura como fato de comunicação, mesmo sem dela excluirmos a funcionalidade” (ECO, 2003, p. 188).

Um dos trabalhos mais relevantes da fenomenologia está nos escritos de Heidegger que analisa a relação entre construir, habitar e pensar, interpretado por Christian Norberg-Shulz, o conceito heideggeriano de habitar, está em entrar em paz num lugar protegido, revelando assim, a capacidade da arquitetura de realizar um mundo visível e de formar lugares. Na mesma linha Pérez-Gómez¹⁰ afirma que o significado da arquitetura requer uma dimensão que revele a presença do Ser, que seja reconhecida como parte de nossos sonhos coletivos, como um lugar completamente habitado. “A abordagem fenomenológica da arquitetura requer uma atenção cuidadosa ao modo de fazer as coisas”, pois não exalta apenas os elementos básicos da arquitetura como parede, chão, teto e assim por diante, porém despertou o encanto pelas qualidades sensoriais provenientes de elementos como os materiais, as cores e a luz. (NESBITT, 2010, p. 32)

De acordo com Colin (2000), toda realização arquitetônica se apresenta aos nossos sentidos por seus elementos como cor, textura, linhas, contrastes, cheios, vazios, entre outros, apesar de conter em sua essência uma estrutura racional e um método. Heidegger sustenta a ideia de que o pensamento e a poesia são necessários ao habitar (NESBITT, 2010), e Pallasma (2011) afirma que uma arquitetura que intensifique a vida deve provocar todos os nossos sentidos de forma simultânea, fala ainda, de uma arquitetura que perpassa a função de criar apenas objetos de “sedução visual”, contendo nela a capacidade de relacionar-se e projetar significados, transmitindo a nós a sensação de “seres espiritualizados”, prossegue ainda com a afirmação de que as experiências sensoriais por meio do corpo se tornam integradas, ou seja, nossos corpos estão em constante interação com o ambiente, em que a percepção do corpo e a imagem do mundo se tornam uma experiência existencial contínua.

¹⁰ Historiador e teórico da arquitetura (SCARSO, 2016)

1.4 ARQUITETURA E SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

No final do século XX, as mudanças estruturais relacionadas com, as sociedades pós-coloniais, movimentos migratórios, as alterações nos modos de viver proporcionados pelas novas tecnologias da comunicação, a crise ecológica, temas como o aquecimento global, adquiriram relevância, caracterizando este período em um mundo de diversidade, com múltiplas culturas, etnias, crenças, que “é sinônimo de complexidade e que se enfrenta com conceitos canônicos como unidade e identidade” (MONTANER, p.18, 2014).

Essas mudanças de acordo com Ianni (2002 p.186) “ocorrem em nível local, nacional, regional e mundial, envolvendo as condições sociais, classes sociais, coletividades, povos, nações e nacionalidades.” Segundo Barbora (2010, p.7), sociedade do consumo, é uma, dentre outras denominações adotadas pelos intelectuais para se referirem a sociedade contemporânea, outros termos também são utilizados, como, sociedade da informação, do conhecimento, do espetáculo e de capitalismo desorganizado. Kumar (2006), observa, que expressões como sociedade da informação e pós-fordismo, traduzem de forma significativas as mudanças atuais, que tender a ser discutidas, sobre o tema, globalização.

Apesar de todas as dificuldades intrínsecas no conceito globalização, uma coisa é correta afirmar: que todas as sociedades estão envolvidas em um emaranhado de mudanças que as une cada vez mais, tendo como um elemento em comum a informação, que através dos mercados financeiros e das indústrias midiáticas proporcionam uma interconectividade e dependência (KUMAR, 2006).

“Homogeneização cultural” é o termo utilizado por Hall (2006), para definir os fenômenos que se sucedem na vida cultural, pela intervenção do mercado global, que juntamente com a difusão do consumismo, proporciona um leque de possibilidades referentes à estilos, lugares e imagens, funcionando como um “supermercado cultural”.

Segundo Sorj (2006, p. 28), “na década de 50 o Brasil entrou num processo acelerado de urbanização, mercantilização das relações sociais, mobilidade social e integração do mundo do consumo, com o conseqüente desaparecimento dos sistemas tradicionais de autoridade e poder.” essas transformações produziram aspirações e valores individualistas. Bonduki (2000, p.156) referindo-se a estrutura urbana de São Paulo, afirma que a cidade se torna cada vez mais dividida e desigual, onde os ricos se escondem em condomínios fechados e vigiados,

protegidos dos “miseráveis” formulando a segregação que possibilita investimentos públicos de forma desigual no espaço urbano, onde alguns grupos são mais favorecido, essa é a característica da “nova ordem mundial” possuindo um caráter discriminador.

De acordo com Montaner (2014, p. 21), a cidade do século XXI é marcada como, lugar de negócio financeiro, onde a busca dos operadores é por um rendimento imediato sem um compromisso mínimo com o lugar onde realizam os investimentos, a consequência, é a exploração da cidade em favor do capital global, formando morfologias urbanas expansivas e dispersas e tipologias arquitetônicas que favorecem esses interesses.

Para Pallasma (2013, p.19), a arquitetura atual, parece criar um mundo de ficções, uma arquitetura autônoma, que deixou para trás, os fundamentos para a arte da edificação, e por meio de imagens geradas por computadores, deixam de refletir a sensação de vida real, perdendo a sinceridade e inocência culturais, criando desse modo, contextos arquitetônicos fictícios, como os shoppings centers e as praças urbanas, onde somos manipulados pelas “imagens arquitetônicas estáticas”, que dão espaço para a vaidade e o exibicionismo, substituindo “questões fundamentais e decisivas de estilo de vida e valor, além de embaçarem a visão de um futuro ético e biologicamente saudável”. Montaner (2014), afirma que essa questão favorece um número reduzido de “estrelas da arquitetura”, que por meio do espaço midiático ganham força, tornando-se protagonistas em revistas internacionais, que ignoram os valores sociais e contextuais da arquitetura real. Acrescenta ainda, o predomínio das fronteiras, que criam sociedades cada vez mais divididas, que buscam combater o medo dos riscos e perigos contemporâneos, originando assim a exclusão dos pobres e a criação de bairros fechados.

Segundo Bastos (2010, p.378), no início dos anos 1980 a produção da arquitetura Brasileira, com o fim de proporcionar uma arquitetura envolvida com o desenvolvimento, aderiu a arquitetura do estilo moderno, com características peculiares da região. Cavalcanti (2005, p.19 e 42) afirma que a nova geração de arquitetos possui ainda influência dos projetos modernistas, sendo utilizado hoje como uma linguagem e não mais como uma ideologia, onde ele fora revisado, e alguns de seus aspectos foram descartados, sendo também, acrescentadas outras questões, formulando um movimento mais “dialético e conciliador”. afirma também que os projetos mais significativos são realizados em pequena escala para clientes particulares, prossegue ainda que, a produção desta geração está apenas iniciando, porém, se

apresenta de forma promissora, com “uma arquitetura múltipla e plural praticada por profissionais que, sem reverenciar um tempo já passado, sabem nele encontrar riqueza e não fardos”.

Desde o final do século passado já é possível interpretar e detectar as características desse novo período, algumas linhas ainda se mantêm, como algumas características do movimento moderno, sendo eles, a confiança na tecnologia e no progresso, se expressando na continuidade da arquitetura high-tech e do minimalismo. As referências orgânicas também têm sido inseridas em obras de autores contemporâneos, sendo expressas no desejo de inventar projetos únicos com o objetivo de proporcionar momentos intimidáveis na cidade e no território. Perdurando também a arquitetura baseada na memória, nos monumentos e no contexto urbano, que em favor da qualidade da cidade e do meio ambiente, sugere a conciliação e o retorno de um passado tradicionalista vinculado a uma visão progressista. Também manter seu vigor a arquitetura experimental, baseada na combinação de fragmentos, como o surgimento de diagramas de força, energias e geometrias. Uma das maiores novidades desse período, tem sido a importância dada aos sentidos, à percepção e a experiência humana, crescendo desse modo a relevância da arquitetura relacionada a fenomenologia. A arquitetura deste período é entendida como artefato isolado, monumental e de custo excessivo, surgindo desse modo alternativas que reagem contra essa arquitetura do desperdício e da ostentação sendo caracterizadas pelas arquiteturas da informalidade a arquiteturas do meio ambiente (MONTANER, 2016).

1.5 ARQUITETURA DOS CENTROS COMERCIAIS DE LAZER

De acordo com Serapião (2004, p. 14), os primeiros templos de consumo, caracterizados por serem galerias com coberturas envidraçadas, surgiu em Londres, Bruxelas, Paris e Milão, na primeira metade do século XIX, mais tarde, na França, originou-se a primeira loja de departamentos, contendo diferentes tipos de produtos em um único espaço. Porém segundo Pimenta e Richers (1991), alguns fatores colaboraram para que o modelo de lojas de departamentos se esgotasse, estando de certa forma relacionadas com as mudanças de

comportamento do consumidor e ao desenvolvimento de *shopping centers* que além de conter as lojas de departamentos em suas principais âncoras, possibilitam maior oferta de produtos e serviços especializados em um mesmo local, oferecendo aos consumidores maiores alternativas de escolhas. Padilha (2008, p. 106), afirma que o *shopping center* é muito mais que um espaço apenas de consumo de objetos, sendo também “um centro urbano de compra de serviços, alimentação e lazer”.

Segundo Ghirardo (2002, p. 73), “Um dos pioneiros do *shopping center*, o arquiteto de Los Angeles Victor Gruen, nascido em Viena”, acreditava que esses espaços representavam uma oportunidade de corrigir problemas dos centros das cidades, proporcionando ambientes saudáveis e felizes, contendo a espacialização adequada para os automóveis. O *shopping center*, atingiu seu ponto máximo em 1986, no Canadá com o, West Edmonton Mall, contendo, do que havia de mais refinado até então, com sua localização pensada para atingir populações específicas, com tipos específicos de mercadorias.

Gracioso (2011), afirma que, quando os *shoppings* chegaram ao Brasil, já possuíam uma bagagem de experiência vivenciada nos Estados Unidos, porém adquiriram uma característica mais direcionada ao lazer, diferentemente dos *shoppings* americanos, voltados para uma concepção mais utilitária, como centros de compras, não possuindo tantas opções para o lazer.

Segundo Garrefa (2008), O primeiro *shopping center* implantado no Brasil, foi em 1966, em São Paulo, o Shopping Center Iguatemi. Depois disso, acontecimentos socioeconômicos e outras interferências provenientes de ações governamentais colaboraram para formular a característica dos *shoppings* brasileiro, que nas últimas décadas, de acordo com Lemos e Rosa (2003, p. 108), passaram por um acelerado crescimento, incorporando grandes lojas de departamentos, agências bancárias e de viagens, consultórios, prestadores de serviços públicos, entre outros, e a necessidade de atrair os consumidores, propiciou a implantação de atividades de entretenimento.

De acordo com Fontenelle (2006), citado por Filho (2019, p. 122), a condição dos *shoppings* contemporâneos, só pode ser compreendido se entendermos o significado deste espaço na sociedade do hiperconsumo. Pechilivanis (2011 p. 37), compara o *shopping center* à uma cidade dos sonhos, longe da violência apresentada pela mídia, com pessoas dos mais variados tipos, vivendo em um cenário irreal, em que não há sujeiras, nem ruídos, um

ambiente ideal, com suas praças, bulevares, sem mudanças climáticas, tornando-se assim um passeio agradável, onde o tempo passa de forma despercebida.

Gracioso (2011) afirma que, quinze milhões de brasileiros, lotam os *shoppings* todas as semanas, um ambiente onde destoa da realidade das ruas, as vitrines elegantes e os corredores pensados com efeitos de decoração, mesclam o sonho com a realidade, e já não é apenas um lugar para a realização de compras, porém um lugar para encontrar pessoas, informar-se sobre o que há de novo no mercado, moda e as tendências e ver coisas bonitas.

A disposição arquitetônica bem como a ambientação das lojas, dentro de outras características, são técnicas que vem sendo exploradas pelo segmento varejista, trocando o que antigamente eram “meros depósitos de produtos” para investir em composições arquitetônicas que unam conforto e funcionalidade, “tornando a experiência de compra cada vez mais interativa e instigante (PINHEIRO, 2004 p.41). Essa afirmação pode ser sustentada pela concepção de arquitetura de Pallasma (2011, p.11), definindo-a como uma essência material, corpórea e espiritual totalmente integrada, deixando de ser apenas uma composição de imagens isoladas em nossa retina.

1.6 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Como foi apresentado inicialmente por Serapião (2004), a revolução industrial permitiu novas técnicas construtivas, que puderam influenciar até mesmo nas construções de edifícios comerciais, utilizando-os como estratégias de “sedução” ao consumidor. Segundo Pinheiro (2004) a tentativa de tornar a experiência de compra mais atrativa, novas técnicas de disposição arquitetônicas estão sendo exploradas.

Nesse contexto a fenomenologia e a linguagem são apresentadas como estudos relevantes na composição arquitetônica, pois segundo Coelho Neto (2001) através da linguagem os atos, vontades e sentimentos do homem são informados, e através de uma conexão estabelecida por um emissor e um receptor, é possível a transmissão de estímulos que por consequência geram respostas (PIGNATARI, 2002). A fenomenologia, por meio de Pallasma (2011) apresenta uma arquitetura que deve provocar todos os nossos sentidos,

possuindo a capacidade de projetar significados e nos transmitir boas sensações. De acordo com Cortés (2008), as novas tecnologias como o ar condicionado e a escada rolante, também colaboraram para a criação de ambientes mais atrativos, Pechilivani (2011), apresentou o Shopping como fuga da realidade apresentada nas cidades, longe da violência, proporcionando uma “cidade dos sonhos”.

Diante dessa realidade, Sorj (2006) nos apresenta a estrutura urbana de São Paulo, a fuga dos ricos para com os pobres e o favorecimento de uns em detrimento de outros nos investimentos públicos, adquirindo uma cidade com caráter discriminador.

O seguinte capítulo, com o fim de compreender e aprofundar sobre os aspectos da arquitetura, serão abordados os parâmetros mais relevantes para esta pesquisa.

2 ABORDAGEM DOS PARÂMETROS

A partir da compreensão da abrangência dos diversos conteúdo da arquitetura, este capítulo ocupa-se em apresentar alguns parâmetros, embasando-se em bibliografias que se utilizam dessa ferramenta para a análise e/ou a crítica da arquitetura, como: Zevi (1996), Colin (2000), Holanda (201) e Unwin (2013), além de outras bibliografias que reforçam as características de cada parâmetro.

Os aspectos contidos neste capítulo, subdividem-se em: aspectos funcionais, parâmetros fisiopsicológicos, parâmetros socioculturais, parâmetros bioclimáticos e parâmetros construtivos.

2.1 ASPECTOS

Segundo Colin (2000), a arquitetura revela-se como um fenômeno complexo, pois além de possuir a prática do desenho, com suas preocupações formais, é dotada de outros atributos como a ordem social e psicológica, um edifício pode revelar história, ideais estéticos e modos de vida de um povo, provocar práticas, testemunhar preocupações morais e falar de si mesmo.

Entender as diferentes concepções espaciais da arquitetura e as exigências de diversas naturezas, significa compreender a história das civilizações e todos os fatores que a compõem, quando os diversos fatores da arquitetura são analisados, no conjunto de todas as suas variáveis, é nos apresentado desse modo, o cenário na qual surge a arquitetura, sendo ele, o resultado de todos os componentes da civilização no qual está inserido (ZEVI, 1996, p.53 e 54).

Cortés (2008, p.40), apresenta a arquitetura como a representação de uma religião que adquire vida, a manifestação de um poder político, a comemoração de um evento, entre outras coisas, sendo ela “tudo o que existe em um edifício e/ou em uma cidade que não pode ser reduzido a seus elementos construtivos, a qualquer coisa que permita sua construção além do meramente utilitário”, sendo, primeiramente, antes de qualquer classificação, a identidade do espaço da qual representa, ou seja, ela representa sempre algo mais que ela mesma.

Holanda (2013, p. 71), afirma que a classificação dos aspectos da arquitetura tanto na sua prática como na sua expressão são um modo de organizar o estado da arte e para

aprofundar o conhecimento desenvolve-se assim, subdisciplinas referentes aos diferentes aspectos.

2.1.1 Aspectos funcionais

De acordo com Colin (2000, p. 42), a preocupação com a função, nos tempos da arquitetura moderna adquiriu uma importância bem maior com o funcionalismo, onde “além de atender às demandas de uso, que sempre lhe foram pertinentes, agora o edifício será julgado bom ou mau na proporção em que atende mais ou menos à função a que se destina”. Logo a função está relacionada com a seguinte interrogação: Para que serve?

Rasmussen (1998, p.8) revela a arquitetura como uma arte funcional, o que diferencia ela como por exemplo da escultura, ainda que suas formas sejam orgânicas ou até mesmo puramente geométricas, uma escultura nunca se converterá em arquitetura, pois o que as diferencia é a sua utilidade. Colin (2000, p.40), neste contexto de utilidade, afirma que “a maior parte das atividades humanas necessita de um edifício que tenha sido projetado para elas”, devendo dessa forma conter as áreas ideais para a execução de tais atividade.

de um ponto de vista utilitário, o espaço é logicamente o nosso fim, delimitá-lo é o objetivo do construir – quando construímos, nada mais fazemos a não ser destacar uma conveniente quantidade de espaço, encerrando-o e protegendo-o – e toda a arquitetura surge dessa necessidade (ZEVI, p.186, 1996)

A arquitetura é projetada por pessoas para atender pessoas, sendo elas dotadas de desejos e necessidades, crenças e sonhos, e todas as suas atividades requerem exigências práticas, considerando que as pessoas possuem sensibilidades estéticas que podem ser afetadas por diversas circunstâncias e estímulos que geram sentido e significados no mundo que os rodeia, portanto as pessoas e suas atividades são o componente chave para a arquitetura e a “essência da arquitetura é (...), influenciada pelas pessoas cujas atividades ela acomoda” (UNWIN, p.24, 2013).

Gregotti (2004), afirma que na arquitetura, a forma e as características da instituição, possuem um vínculo muito estreito, uma vez que a forma se realiza a partir dos fenômenos da instituição, ou seja, um mesmo fenômeno pode ser submetido a diferentes esquemas tipológicos diversos, dependendo da visão dos que analisam suas relações construtivas e como queiram ordenar a utilização daquele fenômeno. O tipo construtivo, refere-se as diferentes

funções do habitar humano, “trata-se portanto, de um conjunto de funções estavelmente delimitados que constituem um ou vários serviços unidos entre si por relações de continuidade espacial” (p.151), podem ocorrer de inserir-se neste espaço novas funções, do mesmo modo que outras podem desaparecer, porém alteraria também o gênero, ou seja sua utilização. O gênero é definido por uma hierarquia, onde cada função está interligada pelo modo como estão orientadas e agregadas as funções, definidas tipologicamente por dimensões, localização, circulação e pelas qualidades de significado que oferece ao usuário.

De acordo com Colin (2000, p. 40), por mais simples que seja uma moradia, terá suas respectivas áreas: “áreas de convívio e recolhimento, áreas serventes, áreas servidas e áreas de ligação”. Já uma escola, é necessário que as áreas sejam distribuídas de acordo com suas necessidades, pensando no conforto do aluno e do professor, fornecendo implantação e dimensionamento adequados, assim como um hospital, um teatro, escritório, entre outros edifícios, requerem espaços especializados, sendo estes espaços, a função e a utilização do edifício.

A arquitetura é um ordenar de ambiente, que visa oferecer melhores possibilidades para os ajuntamentos humanos, de forma que as relações que devem ser estabelecidas por ela são múltiplas e que se integram entre si, controlando o ambiente físico, criando possibilidades de circulação e organizando as funções (GREGOTI, 2004).

2.1.2 Parâmetros fisiopsicológicos

Estados psicológicos, sensações, estados da alma, são as emoções denominados por Holanda (2013), que são captadas pelos nossos sentidos, por meio dos atributos e características de um lugar. O autor utiliza-se da expressão personalidade para distinguir os diferentes aspectos transmitidos, definindo dessa forma a identidade do lugar, podendo eles proporcionar aspectos positivos, quanto negativos, e até mesmo atribuir uma gama de adjetivos, podendo ser:

aconchegante, arrogante, austero, banal, calmo e claustrofóbico, comum, confuso, desinteressante, despojado, dinâmico, diversificado, dramático, esquisito, estático, estranho, extravagante, exuberante, frio, inseguro, introspectivo, leve, misterioso, seguro, severo, singelo, sóbrio, solene, surpreendente, tranquilo (...) (HOLANDA, p.89, 2013).

Colin (2000, p.103), afirma que a arquitetura pode nos transmitir um “amplo espectro de emoções” e que essas emoções são formuladas através de um conjunto de mensagens contidos na arquitetura, a identidade denominada por Holanda, é definida por Colin como conteúdo psicológico, considerando que a psicologia é a ciência que trata do “entendimento das funções mentais e motivações comportamentais de indivíduos e grupos (...). A palavra *psicologia* deriva da palavra grega *psique*, que podemos traduzir por *alma*, preferencialmente, em oposição a *corpo* (*soma* em grego)”.

De acordo com Zevi (1996), as interpretações psicológicas são os estados de espírito produzidos pelos estilos arquitetônicos, possuindo recordações amplas, onde as estéticas antigas, através da arquitetura artística proporcionava uma série de emoções, a Grécia, representava a calma, idade da graça, Roma, a força e o Gótico, sensações adversas e intensas. A teoria da Simpatia¹¹, conferiu à arquitetura todas as expressões do homem, “incluindo o sentido da farsa e do cômico nos edifícios faceiros e afetados, e o sentido do nauseabundo nos edifícios vulgares, retóricos, pseudomonumentais” (p.165).

Por meio da história, as formas arquitetônicas sempre serviram para representar os sentimentos, principalmente quando se refere as emoções coletivas, “seja do fausto hedonista dos romanos, materializado nos gigantescos espaços das termas, seja da religiosidade católica, expressa de diversas maneiras - na riqueza mural dos templos bizantinos, na verticalidade ascética das catedrais, ou na luminosidade dos vitrais góticos” (COLIN, p.104, 2000). A emoção artística reside na identificação do observador com as formas, que por intermédio da construção, pode causar reações em nosso corpo e espírito. O espaço possui a capacidade de agir sobre nós e dominar nosso espírito, e toda arquitetura tem como objetivo final, apesar de possuir o ponto de vista utilitário, quando construímos, estamos modelando o espaço, com o fim de proporcionar através dele, um determinado estado de espírito para aqueles que usufruirão dele (ZEVI, 1996).

Segundo Cortés (p. 32, 2008), os diversos espaços possuem diferentes significados e que podem variar com o tempo, eles podem favorecer e propiciar a convivência, como a

¹¹ “O conceito de simpatia, conforme utilizado por Smith funciona como um princípio natural, responsável pela sociabilidade entre os indivíduos. Este princípio provoca uma espécie de compartilhar de sentimentos entre o observador de uma ação – espectador – e o agente imediatamente ligado a esta ação, seja de modo ativo, seja de modo passivo. Assim, a simpatia, para Smith, está ligada a solidariedade para com os sentimentos das outras pessoas” (SANTOS, C.; REGINA MARIN, p.10, 2014)

exclusão, estimular a interação entre as diferentes realidades como gerar isolamento, porém cada indivíduo carrega consigo um “conjunto de aspectos que condicionam suas vivências”, ou seja, os espaços podem ser vividos com significados diferentes, dependendo de quem os usufrui. O modo como rotulamos um lugar, dependem de nossos valores, história, memórias, ideais, estando totalmente conectado com nossa personalidade, projetamos nos lugares nossas hipóteses, opiniões, e através dos nossos sentidos a arquitetura se torna perceptível, porém a arquitetura também fala por si própria, possuindo um desempenho independente do sujeito (HOLANDA, 2013).

2.1.3 Parâmetros socioculturais

Segundo Holanda (20013) Abordar a arquitetura e seus aspectos sociológicos, é tratar das:

relações entre configurações de edifícios, cidades e da paisagem natural entendida como arquitetura e as maneiras pelas quais as pessoas fazem o quê, como, onde, quando e com quem: como se estruturam encontros interpessoais, de forma mais ou menos planejada, mais ou menos casual, concentrados (ou não) no espaço ou no tempo (p.84).

De acordo com Colin (2000, p.91) “O conteúdo social está sempre presente em um objeto arquitetônico, de vez que este atenderá, obrigatoriamente, a uma função e um uso sociais”, Cortés (2008, p.40), afirma que a arquitetura é a “expressão do próprio ser das sociedades”, sendo o espaço urbano, o reflexo da sociedade, e que por meio dele, também é possível trazer transformações à realidade e a ordem social, em sua configuração e imposição. Para Montaner (2014, p.15), “a arquitetura tem uma estreita ligação com a vida humana”, estando, dessa forma, relacionado com suas atividades, com o poder político, econômico, com a vontade coletiva, presentes não apenas em edifícios públicos, mas também nas moradias, nos bairros e nos espaços que carregam novos modelos de vida, com o fim de proporcionar a felicidade para as pessoas”.

Segundo Holanda (2013), a arquitetura está impregnada de práticas sociais, no qual cada instituição possui uma maneira de organizar grupos de pessoas em determinado espaço e tempo, onde os lugares são ordenados em sistemas de separações e hierarquias, considerando aspectos como, as características de quem está próximo, quais são suas práticas, como e quando as realizam. Todo espaço, além de ser apenas um lugar, porta em si uma atividade,

produzindo desse modo, um conjunto de interações, tornando-se um produto social (CORTÉS, p.21, 2008). Todo edifício resulta de um programa construtivo, que leva em consideração a situação econômica do país e dos que promovem as construções e as consequências de sua implantação nas interações de classes, no sistema de vida e nos costumes (ZEVI, 1996).

O modo como os indivíduos planejam seus espaços está interligado com suas crenças, desejos, e visão de mundo, estando a arquitetura, diretamente conectada com as coisas que realizamos, porém do mesmo modo que as visões diferem de indivíduo para indivíduo, a arquitetura também varia em nível pessoal, social e cultural (UNWIN, p.23, 2013). O contexto cultural, é carregado de realizações humanas e para atender as condições da vida coletiva ele é intensamente modificado, expresso sobretudo nas cidades, onde se sobrepõe em camadas os produtos das diversas culturas (COLIN, 2000).

Colin (2000), afirma que a melhor arquitetura de uma sociedade será sempre a de suas classes dominantes, tanto em excelência estética como em excelência técnica, porém também deve ser levando em consideração que nem sempre a arquitetura está preocupada com as questões sócias, podendo envolver a intenção e ideologia do arquiteto entre outros fatores ligados ao processo de produção e segundo Onwin (p.26, 2013), o uso da arquitetura prevalecente está sempre relacionado com a questão de poder, seja ele político, financeiro, de argumentação ou de persuasão.

As sociedades, no decorrer da história, variam, em diversas combinações, adquirindo características como: aglomerações com todos os tipos de classes e de práticas sociais, lugares especializados separando categorias, lugares com grandes distâncias ou separadas por fortes barreiras físicas, sendo esta, típico das sociedades contemporâneas (HOLANDA, 2013).

2.1.4 Parâmetros bioclimáticos

Os aspectos bioclimáticos referem-se a satisfação das expectativas do nosso corpo quanto a “temperatura, umidade, qualidade, aromas e movimentos do ar, luminosidade diurna ou noturna, som ou ruídos,” desse modo, são analisados como a arquitetura pode interferir nas condições apresentadas, melhorando as já favoráveis e buscando soluções para as

desfavoráveis, podendo ocorrer também de agravar essas condições, possuindo a arquitetura, a capacidade de ser um modificador climático (HOLANDA, p.77, 2013).

Romero (2001, p.26), apresenta a definição de arquitetura bioclimática sob a visão de dois estudiosos, Serra (1989) e Lopez Asiain (1989). Para Serra a arquitetura bioclimática, é aquela que insere desde o projeto arquitetônico as relações energéticas com o meio ambiente e o entorno, utilizando-se de técnicas como o aproveitamento do sol no inverno e a fuga dele no verão, a utilização de benefícios que adaptam a ventilação para combater a umidade e extrair o ar quente e o uso de isolamento que reduzem as trocas térmicas do exterior com o interior, entre outros métodos que conciliam uma arquitetura correta com as necessidades humanas de proteção e os elementos do clima. Lopez Asian, além de considerar as questões bioclimáticas relevantes desde o processo de desenho, fala da incorporação dos aspectos climáticos para os aspectos culturais e históricos do lugar, sendo um pré-requisito para desenvolver a ação arquitetônica, além de compreender um lugar com seus condicionantes físicos e climáticos, deve ser compreendido também seus fatores históricos, culturais e estéticos.

Apesar de clima variar de região para região, o ser humano é biologicamente parecido, independente da região, utilizando de artifícios como vestimenta, tecnologia e também da arquitetura, ele pode se adaptar a qualquer condição climática. A satisfação ao ambiente térmico que envolve a pessoa, é denominada de conforto térmico, “se o abalço de todas a trocas de calor a que está submetido o corpo for nulo e a temperatura da pele e suor estiverem dentro de certos limites, pode-se dizer que o homem sente conforto térmico” (LAMBERTS, p.39 e 41, 2004).

O homem utiliza dois mecanismos de regulação térmica para responder as exigências externas: um de caráter fisiológico (suor, variações do fluxo sanguíneo que percorre a pele, batidas cardíacas, dilatação dos vasos, contração dos músculos, arrepios e ereção dos pelos) e outro de caráter comportamental (sono, prostração, redução da capacidade de trabalho) (ROMERO, p.48, 2000).

Desse modo, é necessário que se conheçam as alterações ao que o meio está sujeito e de que forma elas atuam sobre a percepção térmica do homem (Romero, p.51, 2000), pois um edifício projetado para o clima no qual está inserido, além de poupar energia, torna-se confortável aos seus usuários (MASCARÓ, P.45, 1991).

Segundo Hertz (p.52, 2003), “para cada demanda climática existe sempre uma variedade de respostas”. A escolha das soluções ideais irá depender de fatores como, o rigor do clima, dos materiais disponíveis na região, das exigências do cliente bem como do usuário,

levando também em consideração a estética e os custos do projeto, porém, são inúmeras possibilidades técnicas que permitem a melhoria das condições desfavoráveis, a principal preocupação dever ser a de melhorar, ou seja, aumentar o nível de conforto.

2.1.5 Parâmetros construtivos

Para definir os aspectos construtivos, composições e organização da disposição arquitetônica de um edifício, Silvia (2002), utiliza-se do termo estruturas, segundo ela, “estrutura compreende todas as partes que compõem o edifício desde os revestimentos, a pintura, até a sua medula, o seu âmago (p.17)”. Segundo Ching (1998), na construção de uma obra arquitetônica são utilizados elementos estruturais, onde suas dimensões devem estar de acordo com as funções estruturais que desempenham, podendo servir também como delimitadores de espaços. Os materiais construtivos utilizados na arquitetura também possuem propriedades distintas como elasticidade, rigidez e durabilidade.

De acordo com Colin (2000), a madeira, a argila e a pedra representam a maior parte das construções realizadas até o século XIX, porém, o homem sempre procurou aperfeiçoar os materiais, aplicando-lhes a melhor técnica, resultando desse modo um desempenho cada vez melhor. O Século XVIII registrou o aparecimento de dois novos materiais, o cimento Portland e o uso de ferro proporcionando a liberação das paredes de sua função estrutural, ganhando desse modo maior liberdade, e um horizonte ilimitado de formas.

O primeiro elemento construtivo de grande relevância, segundo, Bruna (p.33, 2002), foi a coluna de ferro fundido, em torno dos anos 70 que substituíram os materiais tradicionais, proporcionando para as edificações, um espaçamento maior. Neste período a contribuição da indústria, cooperou para a substituição dos materiais, não interferindo em modificações relacionadas na arte e na técnica de construir, possibilitando também grandes vãos amplamente iluminados, possíveis também por conta do progresso da indústria de vidro.

“O que se pretende é simplesmente mostrar como tecnologia, indústria e arquitetura estão intimamente ligadas num período de frenético crescimento e de ilimitada confiança na capacidade das novas indústrias em resolver todos os problemas da sociedade” (BRUNA p.37, 2002).

Nesse contexto, Silvia (2002) afirma que, “a arquitetura, dentro do seu amplo campo de atividade, necessita construir estruturas para as mais variadas funções, apresentando formas

particulares diferenciadas correspondentes,” e de acordo com Niemayer (p.16, 1980) a forma plástica na arquitetura, evolui em virtude de novas técnicas e novos materiais, que resultam em aspectos diferentes e inovadores. Segundo Colin (p.34, 2000), “a arquitetura deve ter solidez, resistir as intempéries, permanecer”, para que isso ocorra fatores como a durabilidade dos materiais e a excelência técnica precisam ser observados.

“O papel que a estrutura técnica desempenha na formação da Arquitetura está intimamente associado a função da Arquitetura: criação do espaço humanizado” (SILVIA p.26, 2002), a autora acrescenta ainda que as estruturas são sempre construída para uma finalidade definida, sendo ela um componente essencial da arquitetura ao construir diferentes tipos de edificações, como, residências, igrejas, edifícios comerciais, entre outros, “o homem tem necessidade de dar formas a certos materiais e usa-los em determinadas quantidades” (p.29). De acordo com Colin (p.38, 2002), “O sistema estrutural não é, entretanto, isolado dos outros sistemas, da forma e da função”, tornando-se essencial a integração entre os sistemas, de modo, que não seja possível diferenciá-los, ou seja, que não se perceba onde inicia e onde finda outro.

2.1.6 Síntese do capítulo

Apresentam-se neste capítulo alguns dos conteúdos presentes na arquitetura, considerando sua vasta abrangência em diversas áreas, segundo Holanda (2013) eles permitem aprofundar o conhecimento, pois de acordo com Colin (2008), apenas os elementos construtivos não são capazes de representar a arquitetura e entender as diferentes concepções da arquitetura, segundo Zevi (1996) nos permite compreender a história das civilizações.

Foram, portanto, aqui apresentados alguns parâmetros, de maiores relevâncias para a pesquisa, abrangendo eles tantos aspectos que influenciam o homem fisicamente como espiritualmente, a vida coletiva como a individualidade de cada um. O próximo capítulo, serão relacionados os parâmetros aqui citados com as obras à serem analisadas, sendo elas obras arquitetônicas comercial e de lazer, estreitando para os *shoppings* de São Paulo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da revisão bibliográfica explanada no primeiro capítulo, foi discorrido sobre temas teóricos que aprofundam o conhecimento da arquitetura como ciência humanas, apresentando sua capacidade de comunicação e interação, bem como compreender esses fatores na sociedade contemporânea. Os edifícios através de seus componentes estimulam a comunicação entre si e seus usuários, capazes de gerarem respostas, estímulos e sentimentos, como por exemplo, uma das características das sociedades contemporâneas é a necessidade de se sentirem seguras, longe das inseguranças existente no contexto urbano, o que pode ser o fator de grande atração para a sociedade contemporânea, espaços pensados em proporcionar um contexto desejado pela sociedade, características que o shoppings tem adquirido, ainda que seja para atrair o consumidor.

Embora a arquitetura tenha característica complexas e de vasta abrangência em conteúdo, por meio dos parâmetros apresentados, foi aprofundado os de maiores relevâncias para este trabalho e apesar de cada parâmetro ser apresentado de forma individual e particular, não os torna independentes um do outro. Só é possível estruturar a funcionalidade de um edifício se é conhecido sua função, e a funcionalidade será ideal se for compatível com a cultura e a sociedade a que se destina, e uma vez que a edificação é concebida ao homem seus parâmetros climáticos devem ser pensados desde a elaboração dos ambientes do mesmo modo que a forma deve ser visualizada como influenciadora nas emoções de seus usuários, entre muitas outras características que as tornam totalmente dependentes e interligadas.

A partir dos parâmetros já discorridos, os próximos capítulos a serem desenvolvidos tratam da análise e identificação da tais parâmetros em alguns dos shoppings da cidade de São Paulo com o fim de compreender sua relevância ou não para com os consumidores destes espaços.

REFERÊNCIAS

AGREST, D. GANDELSONAS, M. “Semiótica e arquitetura”, In: NESBITT, Kate (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica** (1965-1995). 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

ALMEIDA MELLO, Leonel Itaussu. “John Locke e o individualismo liberal.” In: WEFFORT, Francisco C. **Os clássicos da política**. 14ª ed. - São Paulo: Ática, 2011.

BALL-ROKEACH, S; DEFLEUR M. **Teoria da comunicação de massa**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1993

BARBORA, Livia. **Sociedade de consumo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010

BASTOS, Maria Alice Junqueira. **Brasil: arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva: 2010.

BONDUKI, Nabil. **Habitar São Paulo: reflexões sobre a gestão urbana**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

BRUNA, Paulo Júlio Valentino. **Arquitetura, industrialização e desenvolvimento**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2002

CAVALCANTI, Lauro. **Ainda moderno? arquitetura brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 2005

CHING, F. D. K. **Arquitetura – forma, espaço e ordem**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

COELHO NETTO, J.T. **Semiótica, informação e comunicação: diagrama da Teoria do signo**. Ed. 5. São Paulo: Editora perspectiva S.A. 2001

COLIN, Silvio. **Pós-modernismo**. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2004.

COLIN. Silvio. **Uma introdução à arquitetura**. 3ª ed. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2000.

CORTÉS, J.M.G. **Políticas do espaço: arquitetura, gênero e controle social**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

COSTA, José Silveira. **Max Scheler: o personalismo ético**. São Paulo: Moderna, 1996.

DANILO, Marcondes. **Textos Básicos de Linguagem de Platão Foucault**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editos Ltda, 2010.

DEFLEUR, M; BALL-ROKEACH, S. **Teoria da comunicação de massa**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1993

ECO, U. **A estrutura ausente**. 7ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva S. A. 2003.

FILHO, M.L.M. **Shopping center: consumo do espaço, cotidianidade e fetichismo**. 209 f. TESE (Doutorado) – Geografia-ICGE, UNESP, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/134293/madeirafilho_ml_dr_rcla.pdf?sequence=3&isAllowed=y> Acesso em 12 mar. 2018.]

FRANCO, Sérgio de Gouvêa. **Hermenêutica e psicanálise na obra de Paul Ricoeur**. São Paulo: Loyola, 1995.

GARREFA, Fernando. **A evolução da indústria de shopping centers no Brasil: tendências recentes**. II colóquio [inter]nacional sobre comércio e cidade: uma relação de origem. 2, São Paulo, 2008. Disponível em: http://www.labcom.fau.usp.br/wp-content/uploads/2015/05/2_cincci/4015%20Garrefa.pdf Acesso em: 18 mar. 2018.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 2ª ed. São Paulo: Atlas S. A., 1989.

GHIRARDO, Diane. **Arquitetura contemporânea**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GLANCEY, Jonathan. **A história da arquitetura**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

GRACIOSO, Francisco. Sonhos, fantasia e tilintar de registradoras. São Paulo, **Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM**, V.18, n. 1, jan/fev 2011. Disponível em: <<http://arquivo.espm.br/revista/jan-fev2011/files/assets/common/downloads/publication.pdf>> Acesso em: 08 mar. 2018.

GREGOTTI, Vittorio. **Território da arquitetura**. 3ª ed. São Paulo: perspectiva, 2004

GYMPEL, Jan. **História da Architectura: da Antiguidade aos nossos dias**. Germany: Könemann, 2001.

HADDOCK-LOBO, Rafael. **Da existência ao infinito: ensaios sobre Emmanuel Lévinas**. São Paulo: Loyola, 2006.

HAL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERTZ, John B. **Ecotécnicas em arquitetura: como projetar nos trópicos úmidos do Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Pioneira, 2003.

HOLANDA, Frederico. **10 mandamentos da arquitetura**. Brasília: Copirraite. 2013.

HUSSERL, Edmundo. **A Crise da Humanidade Européia e a Filosofia**. 3ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2008.

HUSSERL, Edmund. **Investigações lógicas**: sexta investigação. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

IANNI, Octavio. **A era do globalismo**. 7 ed. Rio de Janeiro: Civilizações Brasileira, 2002.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna**: novas teorias sobre o mundo contemporâneo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LAMBERTS, Roberto. **Eficiência energética na arquitetura**. 2ª ed. São Paulo: ProLivros, 2004.

LEMOES, M.L.F.; ROSA, S.E.S. **O segmento de shopping centers no Brasil e o BNDES**. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 17, p. 171-186, mar. 2003. Disponível em: <https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/2691>. Acesso em: 18 mar. 2018.

LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. 23ª ed. São Paulo: Editora pensamento- Cultrix ltda, 2007.

MARCONDES, D. **Filosofia, linguagem e comunicação**. 3ª ed. São Paulo: Cortez. 2000.

MASCARÓ, Lúcia. **Energia na edificação**. 2ª ed. São Paulo: Bandeirante, 1991.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A prosa do mundo**. São Paulo: Cosac& Naify, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MIGUEL, Maiara Rúbis. **O modelo religioso da comunidade mateana**: uma análise à luz de Max Scheler. Campinas: PUC-Campinas, 2016. Disponível em: <<http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/bitstream/tede/966/2/MAIARA%20RUBIA%20MIGUEL.pdf>> Acesso em: 27 maio. 2018.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em: <http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo__2001.pdf> Acesso em: Mar. 04. 2018.

MONTANER, Josep Maria. **Arquitetura e política**: ensaios para mundos alternativos. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

MONTANER. Josep Maria. **A condição contemporânea da arquitetura**. São Paulo: Gustavo Gili, 2016.

NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica (1965-1995). 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

NIEMEYER, O. **A Forma Na Arquitetura**. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora, 1978-1980.

NOTH, Winfried. **Panorama da semiótica**: de Platão a Peirce. 3ª ed. São Paulo: Annablume, 1995.

PADILHA, Valquíria. **Desafios da crítica imanente do lazer e do consumo a partir do shopping center**. ArtCultura, Uberlândia, v. 10, n. 17, p. 103-119, jul.-dez, 2008. Disponível em: <http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF17/V_Padilha_17.pdf> Acesso em 25 abril, 2018.

PALLASMA, Juhani. **A imagem corporificada**: imaginação e imaginário na arquitetura. Porto Alegre: Bookma, 2013.

PALLASMA, Juhani. **Os olhos da pele**: a arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PECHILIVANIS, M. **Civilização Shopping Center e sua cultura fast-food. Shopping center: sonho de consumo ou catarse coletiva?**. São Paulo, **Revista a Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM** , V.18, n. 1, jan/fev 2011. Disponível em: <<http://arquivo.espm.br/revista/jan-fev2011/files/assets/common/downloads/publication.pdf>> Acesso em: 08 mar. 2018.

PIGNATARI, Dércio. **Informação, linguagem, comunicação**. 25ª ed. São Paulo: Ateliê editorial: 2002.

PIGNATARI, Dércio. **Semiótica da arte e da arquitetura**. 3ª ed. São Paulo: Ateliê editorial, 2004.

PIMENTA, M.C; RICHERS, R. **Segmentação**: opções estratégicas para o mercado brasileiro. São Paulo: Nobel, 1991.

PINHEIRO, Roberto Meireles. **Comportamento do consumidor e pesquisa de mercado**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

PULS, Maurício Mattos. **Arquitetura e filosofia**. São Paulo: Annablur, 2006.

RASMUSSEN, Steen Eiler. **Aquitetura vivenciada**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ROMERO, Marta Adriana Bustos. **Arquitetura bioclimática do espaço público**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001

ROMERO, Marta Adriana Bustos. **Princípios bioclimáticos para o desenho urbano**. 2ª ed. São Paulo: ProEditores, 2000.

SANTOS, C.; REGINA MARIN, S. - **A simpatia e o espectador imparcial na obra de Adam Smith**: o “homem prudente” como resultado dos hábitos e costumes sociais. Filosofia de la Economía, 2014, Vol. 3, pp. 5-24. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:SmBKW5->

wiFUJ:ppct.caicyt.gov.ar/index.php/filoecon/article/view/4526+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acesso em 17 maio. 2018.

SARTRE, Jean-Paul. **A imaginação**. Tradução de Roberto Salinas Fortes. 6. ed. São Paulo: Difel, 1982

SCARSO, Davide. **História e percepção**: notas sobre arquitetura e fenomenologia. Rev. Filos., Aurora, Curitiba, v. 28, n. 45, p. 1049-1068, set./dez. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/article/view/1980-5934.28.045.AO03/103>> Acesso em: 29 abril 2018.

SCHIMID. **A idéia de conforto**: reflexões sobre o ambiente construído. Curitiba: Pacto ambiental, 2005

SILVA, D. M. **Estruturas: uma abordagem arquitetônica**. 3.ed. Porto Alegre: Ritter dos Reis, 2002.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução a fenomenologia**. São Paulo: Loyola, 2004.

SORJ, Bernardo. **A nova sociedade brasileira**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

TAMAKI, Teru. **Arquitetura sob a luz da filosofia**. Brasil: Copyright, 1997.

UNWIN, Simon. **A análise da arquitetura**. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2013.

VENTURA. **O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa**. Revista SOCERJ, Rio de Janeiro. v.20 n.5. 2007

ZEVI, Bruno. **Saber Ver a Arquitetura**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.